

COMUNICAÇÃO

UMA VISÃO DA IMPRENSA SOBRE O DESMONTE DO MAIS MÉDICOS

Solano Nascimento^a

<https://orcid.org/0000-0002-8191-8803>

Resumo

Este relato descreve as principais etapas da investigação jornalística que culminaram na reportagem “Os pequenos que se foram”, publicada pela revista *piauí*. A reportagem revelou que em municípios pobres a desorganização do sistema de Atenção Básica, provocada pelo desmonte do Programa Mais Médicos, gerou um aumento de 58% nas mortes por causas evitáveis de crianças menores de cinco anos. O relato mostra que a reportagem é resultado da reunião de documentos, parte deles obtida pela Lei de Acesso à Informação (LAI) e por cruzamentos feitos no Sistema de Informação de Mortalidade (SIM), um banco de dados abertos do Ministério da Saúde. São descritas também pesquisas em cartórios e a busca pelas famílias que perderam crianças em 2019. Por fim, o relato mostra como a reportagem se insere no processo de oferta de informações para deliberação pública.

Palavras-chave: Mais médicos. Atenção básica. Cubanos. Reportagem.

PRESS COVERAGE ON THE DISMANTLING OF THE MAIS MÉDICOS PROGRAM

Abstract

This paper describes the main steps of the journalistic investigation that culminated in the report “The little children who are gone,” published by *piauí* magazine. According to article, the disorganization of the Primary Care system in poor municipalities, caused by the dismantling of the More Doctors Program, led to a 58% increase in deaths from preventable causes in children under the age of five. The report is the result documents obtained by the Access to Information Law (LAI), and by cross-references made in the Mortality Information

^a Professor. Jornalista. Doutor em Comunicação. Professor na Universidade de Brasília (UnB). Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: nascimento@unb.br

Endereço para correspondência: Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Campus Universitário Darcy Ribeiro, ICC – Norte – Asa Norte. Brasília, Distrito Federal, Brasil. CEP: 70910-900. E-mail: fac@unb.br

System (SIM), an open database of the Ministry of Health. Registry office research and the search for families who lost children in 2019 are also described. In short, the article takes part in the process of providing information for public deliberation.

Keywords: Mais médicos. Primary care. Cubans. Report.

LA MIRADA DE LA PRENSA SOBRE EL DESMANTELAMIENTO DEL PROGRAMA MÁS MÉDICOS

Resumen

Este informe describe las principales etapas de la investigación periodística que culminó con el reportaje “Los niños pequeños que murieron”, publicado por la revista *piauí*. El reportaje reveló que en los municipios pobres la desorganización del sistema de Atención Primaria, provocada por el desmantelamiento del Programa Más Médicos, generó un aumento del 58% en las muertes por causas evitables de niños menores de cinco años. El informe muestra que el reportaje es el resultado de la recopilación de documentos, parte de ellos obtenidos por la Ley de Acceso a la Información (LAI) y por cruces realizados en el Sistema de Información de Mortalidad (SIM), una base de datos abierta del Ministerio de Salud. También se describen las investigaciones en los registros de muertes y la búsqueda de familias que perdieron a sus hijos en 2019. Finalmente, el informe muestra cómo el reportaje contribuye con el proceso de proporcionar información para la deliberación pública.

Palabras clave: Más médicos. Atención primaria. Cubanos. Reportaje.

INTRODUÇÃO

Em sua primeira edição de 2022, a revista *piauí* publicou a reportagem “Os pequenos que se foram”, que revela como o desmonte do Programa Mais Médicos resultou no aumento de mortes evitáveis de crianças em municípios pobres. Na capa da publicação, a chamada para reportagem foi impressa ao lado de uma ilustração na qual o mapa do Brasil está pendurado por uma corda se desfazendo, só restando um fio.

A revista foi criada em 2006 pelo cineasta João Moreira Salles, com assumida inspiração na longeva publicação norte-americana *The New Yorker*. Com sede na cidade do Rio de Janeiro, a publicação está vinculada ao Instituto Artigo 220, uma associação sem fins lucrativos criada para dar sustentação à revista. Vendida em bancas e por assinatura, a *piauí*

– cujo nome é mesmo escrito em letra minúscula – dedica grande parte de suas páginas a reportagens que tratam temas com profundidade e mantém um site aberto ao público.

Desde sua criação, a revista *piauí* publica reportagens feitas por colaboradores, ou seja, por jornalistas que não são funcionários da publicação, algo raro no Brasil, mas bastante comum na Europa e nos Estados Unidos. Foi esse o caso da reportagem “Os pequenos que se foram”. Neste relato de experiência, será descrito o processo de apuração jornalística que resultou na reportagem sobre o Mais Médicos.

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO DA REPORTAGEM

Logo após aquele 14 de novembro de 2018, quando o governo de Cuba anunciou sua saída do Programa Mais Médicos e o conseqüente retorno de seus profissionais à ilha, vários veículos de imprensa do Brasil divulgaram notícias sobre o assunto. Em grande parte dos textos publicados naquele dia e em dias seguintes, havia a informação de que o Mais Médicos era responsável por 100% da Atenção Básica em 1.100 municípios brasileiros. Ao ler essa informação, suspeitei que em municípios desse grupo nos quais todos os profissionais do Mais Médicos eram cubanos havia uma grande chance de o impacto dessa debandada se refletir em índices de mortalidade.

Foi por isso que, já em agosto de 2019, solicitei os dados sobre esses 1.100 municípios via Lei de Acesso à Informação. Além da identificação dos municípios, solicitei dados específicos sobre os profissionais que trabalhavam neles contratados pelo Mais Médicos, pois assim eu poderia quantificar a dependência específica de cada um deles da presença dos cubanos. Quando recebi os dados, descobri que não se tratava de 1.100 municípios, e sim de 1.039. Concluí que era um número muito alto para eu trabalhar e, por isso, resolvi me deter naqueles municípios mais carentes. Cheguei então a uma lista de 119 municípios que, além de terem o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixo ou baixíssimo, têm 20% ou mais de suas populações vivendo em extrema pobreza.

Na primeira semana do ano de 2020, fiz novo pedido ao Ministério da Saúde pela LAI, dessa vez restrito aos 119 municípios carentes. Pedi os dados de presença de profissionais do Mais Médicos registrados no último dia dos anos de 2017, 2018 e 2019. Como a saída dos cubanos se deu no final de 2018, eu poderia quantificar o impacto disso em cada um dos municípios, já que em alguns os profissionais do programa não eram de Cuba.

No decorrer de 2020, os dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) referentes a 2019 foram sendo atualizados, primeiro como preliminares e depois como definitivos. Por saber da relação direta entre a Atenção Básica e as mortes por causas evitáveis,

resolvi me concentrar nesse tipo de óbito, mais especificamente em crianças com menos de cinco anos. Ao cruzar minha lista dos 119 municípios com dados de mortalidade de 2019, verifiquei que, em vários deles, a variação era muito grande, com números de óbitos caindo, aumentando ou se mantendo. Isso ocorria em municípios que não haviam perdido profissionais com a saída dos cubanos ou naqueles em que a perda havia sido compensada com substituições no decorrer de 2019.

Havia um grupo de municípios nos quais a alteração de dados seguia um padrão. Tratava-se de 14 municípios, principalmente das regiões Norte e Nordeste, que com a saída dos cubanos ficaram sem nenhum médico na Atenção Básica. Além disso, nesse grupo, apesar de ter havido reposição de profissionais no decorrer de 2019, ao final desse ano o total de médicos ainda era inferior ao que havia antes da debandada, ou seja, esses municípios perderam todos os profissionais do Mais Médicos, depois só uma parte deles foi repostos e o atendimento nunca voltou ao mesmo nível durante todo o ano de 2019. Nesse grupo de municípios, o número de mortes evitáveis de crianças com menos de cinco anos havia aumentado 58% de 2018 para 2019. Desde 2013, o primeiro ano do Mais Médicos, nunca tantos municípios desse grupo haviam tido aumento de mortes evitáveis de crianças de um ano para outro. Só ao me deparar com esses números concluí que realmente seria possível fazer uma reportagem sobre o assunto.

Propus a reportagem para a revista *piauí*, que aceitou de imediato, e depois de ter solicitado e recebido autorização da Universidade de Brasília para fazer o trabalho segui em busca das histórias por trás dos números. Selecionei dois municípios do grupo onde o aumento de mortes havia sido muito impactante e passei a buscar dados públicos em cartórios de registros civis sobre os óbitos. Com essas informações, viajei para Manoel Urbano, no Acre, e Pacajá, no Pará.

Os registros das mortes em Manoel Urbano revelavam que as principais vítimas eram crianças indígenas, principalmente Kulinas. Com a ajuda do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), localizei indígenas dessa etnia que estavam acampados em Manoel Urbano para receberem benefícios pagos pelo governo federal. O ideal teria sido visitar as aldeias onde as mortes ocorreram, mas isso implicaria dias de viagens de barco e eu não dispunha desse tempo. Consegui contar a história com os relatos feitos pelos indígenas com os quais conversei e com as narrativas de funcionários da Secretaria Municipal de Saúde sobre os dias que se seguiram à saída dos cubanos. Uma funcionária descreveu a situação como uma “tragédia”.

Em Pacajá, além de também coletar relatos de trabalhadores da área da saúde, visitei várias famílias que tinham perdido crianças menores de cinco anos, por causas evitáveis, em 2019.

As situações variavam muito, e o caso que escolhi para narrar na abertura da reportagem foi de uma menina cujo final da gestação e os primeiros meses de vida coincidiram com a crise sanitária deflagrada com o desmonte do Mais Médicos. Ela se chamava Cecília e morreu aos 11 meses de idade.

Depois da viagem, busquei pesquisas científicas que haviam apontado o impacto positivo do Mais Médicos. Eram resultados que foram abalados com o desmonte do programa. Por fim, procurei Luiz Henrique Mandetta, que fora ministro da Saúde em 2019. Procurei também o Ministério da Saúde em busca de entrevistas com os secretários que atualmente cuidam das áreas de Atenção Básica e do Mais Médicos. Desde seu começo, a reportagem responsabilizava autoridades que estão e estiveram no governo pelo desmonte do Mais Médicos, já que ataques feitos por elas estavam na origem da decisão de Cuba de convocar seus profissionais de volta à ilha. Mandetta me deu entrevista, e o ministério prometeu responder a meus questionamentos por meio de duas notas oficiais. Uma trataria das razões pelas quais o ministério resolveu reincorporar cubanos que haviam trabalhado no Mais Médicos e que se encontravam exatamente nas mesmas condições que tinham quando foram muito criticados por autoridades do governo. Essa nota me foi enviada. A outra nota comentaria o aumento de mortes evitáveis de crianças na esteira da saída dos cubanos. Essa nunca chegou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pesquisador Wilson Gomes lembra que nos anos 1980 e pelo menos até a metade dos anos 1990 preponderou uma visão negativa do impacto dos meios de comunicação na democracia, mas isso tem mudado. “Embora o debate público tenha continuado predominantemente preso nos quadros do mal-estar que a comunicação causaria à democracia, a discussão acadêmica lentamente vem se afastando desse paradigma”^{1:11}. Hoje não são poucos os estudiosos da comunicação – e de forma mais específica do jornalismo – que, apesar de apontarem problemas da mídia e da imprensa, reconhecem sua importância no processo de deliberação pública. “Defendemos que os meios de comunicação, apesar de seus diversos déficits, exercem funções fundamentais no sistema constitucional das democracias contemporâneas”^{2:17}. Em linha semelhante, Meditsch – que foi um reconhecido repórter investigativo antes de se tornar professor e pesquisador – ressalta a importância, para a cidadania, de informações divulgadas pelo jornalismo. “Numa sociedade que se move em crescente velocidade, a disponibilização pública e permanente deste tipo de informação atualizada é estratégica para a atuação de todos os setores sociais e para a emancipação dos setores oprimidos”^{3:21}.

É dentro deste contexto, de tentar contribuir para o processo de deliberação pública, que se enquadra a reportagem foco deste relato. O trabalho jornalístico dá um exemplo

de como ataques verbais e decisões políticas muitas vezes gerados em gabinetes luxuosos de Brasília podem produzir mortes em locais distantes da capital e muito menos requintados, como Pacajá, no Pará, e Manoel Urbano, no Acre.

A reportagem retratou uma consequência específica do desmonte do Programa Mais Médicos e, para isso, se deteve em um grupo de municípios muito pobres que dependiam totalmente da Atenção Básica ofertada pelos cubanos. O foco foram somente as mortes de crianças menores de cinco anos por causas evitáveis. Os números alarmantes – um aumento de 58% nas mortes de um ano para o outro – indicam que outros impactos negativos podem ter ocorrido. Será que, entre municípios nos quais a dependência dos cubanos para Atenção Básica não chegava a 100%, mas era muito grande, não houve aumento de mortes? Será que a falta de médicos em postos de saúde, comprometendo assim o acompanhamento de gestações, não aumentou o número de abortos naturais e a mortalidade materna em alguns municípios? Será que idosos pobres, com doenças crônicas que precisam de acompanhamento permanente em postos de saúde, não pereceram ou tiveram piora de sua condição de saúde por conta do desmonte? A reportagem deixa aberto um caminho longo que, com o passar do tempo e se houver interesse de estudiosos, poderá recontar as sequelas trágicas do desmonte do Mais Médicos.

COLABORADORES

1. Concepção do projeto, análise e interpretação dos dados: Solano Nascimento.
2. Redação do artigo e revisão crítica relevante do conteúdo intelectual: Solano Nascimento.
3. Revisão e/ou aprovação final da versão a ser publicada: Solano Nascimento.
4. Ser responsável por todos os aspectos do trabalho na garantia da exatidão e integridade de qualquer parte da obra: Solano Nascimento.

REFERÊNCIAS

1. Gomes W. Apresentação. In: Maia RCM. Mídia e deliberação. Rio de Janeiro (RJ): FGV; 2008. p. 7-14.
2. Maia RCM. Mídia e deliberação. Rio de Janeiro (RJ): FGV; 2008.
3. Meditsch E. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: Benetti M, Fonseca VPS, organizadores. Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos. Florianópolis (SC): Insular; 2010. p. 19-42.

Recebido: 15.2.2022. Aprovado: 30.3.2022. Publicado: 7.7.2022.